

# IMAGENS E PALAVRAS: EXPRESSÕES DO COTIDIANO ESCOLAR NA VISÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maristela Marçal

**Resumo:** O presente texto trará o relato sobre uma pesquisa que teve o objetivo de identificar e analisar as experiências de alunos do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, bem como perceber os sentidos e significados das imagens (registros fotográficos) e palavras (narrativas) utilizadas por eles no cotidiano escolar e suas implicações para as relações estabelecidas entre as pessoas, os espaços e tempos e os objetos. Entre vários resultados, os aspectos significativos destacados pelos alunos e alunas estão relacionados, principalmente, com as interações e as relações estabelecidas entre os sujeitos. O trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Francisco Silva, da cidade de Campinas- SP.

[...] sou todos aqueles que ali estão e também aqueles que já não estão; sou parte ausente de uma história passada recontada pelos sujeitos de hoje; mas também sou parte de uma história presente ainda por ser contada pelos que virão. (FERRAÇO, 2003, p.160).

Neste artigo, apresento o relato de pesquisa<sup>1</sup> desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Francisco Silva, em Campinas (SP), que teve como objetivos: identificar e descrever as experiências de alunos do 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, no cotidiano escolar; avaliar os sentidos e significados de imagens (registros fotográficos) e palavras (narrativas) utilizadas por esses alunos; e analisar as implicações para as relações estabelecidas entre pessoas, espaços, tempos e objetos. A narrativa foi o modo que escolhi para contar como os alunos e eu vivenciamos o ambiente escolar, revelando os pensamentos e as idéias desse espaço/tempo. Foram nossas recordações evocadas pela memória trazendo a visão particular, minhas e dos alunos, a partir das experiências individuais e coletivas significativas.

A minha experiência profissional foi construída, em grande parte, durante a trajetória percorrida nas escolas públicas. Ao longo deste caminho, pude refletir e trazer o meu olhar e entendimento sobre o cotidiano em que leciono e a minha percepção do contexto pedagógico e educativo das relações interpessoais. Para CANÁRIO (2005), a produção das práticas profissionais é atravessada não apenas pela dimensão biográfica, por fatores individuais, mas também por uma dimensão contextual, por fatores organizacionais. Assim, o exercício

---

1

A pesquisa resultou na dissertação de Mestrado da autora, defendida em fevereiro/2011, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP, com o título “Sentidos e Significados das imagens e palavras de alunos do ensino fundamental no cotidiano escolar”.

profissional pode ser compreendido a partir da articulação entre fatores de disposição e fatores de situação. O mesmo docente age de maneira diferente em tempos e lugares diferentes. A impossibilidade de dissociar a dimensão coletiva e a individual da ação profissional permite pensar o funcionamento da organização escolar como um processo coletivo de aprendizagem, do qual emergem competências profissionais numa dimensão dupla: a individual e a coletiva.

Há uma multiplicidade de olhares dos sujeitos em relação ao mesmo ambiente, de um modo diversificado, com leituras do espaço e tempo, com o entendimento de si próprio, do outro(s) e da realidade. Os adolescentes trouxeram os seus significados e sentidos em relação ao cotidiano, a partir de suas lembranças, de fatos e situações, do entendimento e percepção de suas experiências e saberes relacionados com as pessoas, com os espaços/tempos e com os objetos. Como enfatiza Najmanovich (2001, p.99) “[...] como tudo o que é significativo surge na interação das pessoas com o mundo, passam a sê-lo em linguagens e práticas específicas e estão embebidos das interações”. A dimensão das relações interpessoais foi o foco central do presente artigo. Procurei desvendar o olhar discente acerca da realidade escolar, utilizando como recurso metodológico a fotografia e a narrativa, que se transformaram nos instrumentos e materiais de análise. Desta forma, utilizei tais recursos de maneira integrada, com intuito de identificar e compreender os sentidos e significados dos alunos a respeito de suas experiências escolares cotidianas.

## **A Narrativa e a Fotografia**

Ao longo deste relato, não transmito somente a minha história. Ela é enriquecida pelas vivências dos outros e pelas histórias contadas pelos outros. Para Prado e Soligo (2005), **a narrativa** supõe uma sucessão de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos presenteia com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de os revelarem. Podemos dizer que a narrativa comporta dois aspectos fundamentais: uma seqüência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados. E o que é interessante, particularmente, são as muitas direções que comunicam as suas partes com o todo. Os acontecimentos narrados de uma história tomam, do todo, os seus significados. Entretanto, o todo narrado é algo que se constrói a partir das partes selecionadas. Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações: não é o que explica que conta, mas o que, a partir dela, se pode interpretar.

As ações de fotografar e admirar fotos podem ser experiências expressivas, comunicativas, dos diversos momentos de nossas vidas. A fotografia, em minha vida, e acredito que na de muitos de nós, nos acompanha. Dos acontecimentos e etapas pessoais, da infância, das cenas familiares, das celebrações, das viagens, entre outros momentos. Os registros e os processos fotográficos, desde a sua invenção, passaram por variadas transformações, o que

alterou a nossa relação no modo de operar um equipamento fotográfico, a forma de preservar as imagens, e até mesmo a forma de realizar a fotografia. Pode-se observar que, com o advento da máquina digital, um equipamento de fácil acesso e manuseio, o álbum foi substituído por arquivos digitais. A espera da revelação de um filme foi substituída pelo simples clicar de um botão que, na própria máquina fotográfica, mostra a imagem produzida, que nos revela, de imediato. O resultado de nosso olhar, expresso na foto. Como esclarece Vicente (1998), a fotografia, como outros meios de expressão e comunicação, apresentaram as transformações das inovações tecnológicas, em especial da eletrônica, na automação e informatização, na geração e tratamento da imagem. As mudanças divulgadas e tidas por técnicas operacionais acontecem no âmbito de complexos processos culturais, e também estéticos e ideológicos. Altera-se não somente o modo de fazer, mas em especial os modos de pensar.

Emprego a fotografia como um recurso que não se limitou apenas a registrar e documentar fatos de uma realidade. As imagens, que revelaram instantes e cenas produzidas pelos alunos, contaram experiências vividas através dos espaços, das pessoas e dos objetos escolhidos. A percepção, o sentido, as memórias que foram despertadas de um instante real. Segundo Kossoy (1998, p.44) “A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo”.

## **O Zoom... as experiências escolares significativas para os alunos**

As fotografias feitas pelos alunos<sup>2</sup> foram fragmentos de instantes da vida de cada um deles, no espaço e tempo escolar. Eles, através das imagens escolhidas, apresentaram suas experiências significativas. Construíram um sentido e contaram suas histórias. Nós, os outros sujeitos, somos os observadores, temos outros sentidos para essas mesmas imagens. Foi com as

---

2

Os alunos foram convidados a participar da pesquisa em horários extra-aula. Eu reunia os estudantes em grupos e explicava o objetivo do trabalho. Apresentava as perguntas: **Que experiências vocês consideram significativas em suas relações com a escola? O que pensam sobre elas, nas relações cotidianas estabelecidas com as pessoas, os espaços-tempos e os objetos?** A maneira de respondê-la seria por meio das fotografias, seguidas de uma narrativa escrita. Para a realização das imagens foram formadas duplas, e as parcerias eram escolhas feitas entre eles. Entregava a câmera fotográfica e eles saíam pela escola buscando a resposta à minha pergunta. Então, após o registro de 12 a 15 fotografias, pedia a cada um que escolhesse duas imagens que lhes trouxessem mais significado e sentido em relação a suas experiências escolares. Eles entenderam o termo *significativo* como algo importante, marcante em suas vivências. Logo em seguida à escolha das fotografias, eles escreveram sobre o porquê de suas preferências. O momento da escrita dos alunos exigiu um tempo maior na elaboração do texto. Eu sempre pedia que eles escrevessem um pouco mais sobre as suas idéias. Questionava-os sobre algum ponto da escrita que não estava claro. Na primeira fase da pesquisa — outubro e novembro de 2008 — participaram 15 alunos. Na segunda etapa, em 2009 — março e abril —, participaram 26 alunos, nas duas fases eram estudantes de 13 a 16 anos, entre meninos e meninas.

imagens fotográficas e com as palavras narradas que os alunos trouxeram os seus pensamentos, que não se limitaram à descrição do instante focalizado. A reflexão, apresentada através das palavras e das imagens, possibilitou o sentido de reavivar a lembrança, a memória. Na relação do pensamento e da palavra existe um processo dinâmico e que se modifica ao longo do desenvolvimento humano. Nesse sentido, Vygotsky (2005) esclarece que a palavra exerce (desempenha) um papel fundamental não somente no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana.

Na relação entre o pensamento e a linguagem, o significado é um elemento central da palavra e, ao mesmo tempo, um ato do pensamento.

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. Pareceria, então que o significado poderia ser visto como um fenômeno da fala [...] o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como generalizações e conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento. Daí não decorre, entretanto, que o significado pertença formalmente a duas esferas diferentes da vida psíquica. O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento. (VYGOTSKY, 2005, p.150).

Segundo Oliveira (1992), embora o aspecto do significado pareça pertencer à dimensão cognitiva, na concepção de Vygotsky (2005) sobre o significado da palavra, encontra-se a conexão dos aspectos afetivos e cognitivos no funcionamento psicológico. Esse último autor distinguia dois componentes do significado da palavra: o significado propriamente dito e o sentido. O significado propriamente dito relaciona-se com o sistema de relações objetivas que se constitui no processo de desenvolvimento da palavra, compondo em um núcleo relativamente estável de compreensão da palavra partilhado por todas as pessoas que a utilizam. O sentido se refere ao significado da palavra para cada indivíduo, constituído das relações que dizem respeito ao contexto de utilização da palavra e as vivências afetivas individuais. É no significado que se encontram as funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento. Nas palavras e pensamentos dos alunos e alunas evidencia-se o significado da interação social, a troca entre sujeitos, o compartilhar de tempos e espaços, a dimensão da afetividade presente nas reflexões trazidas nas narrativas.

A narrativa dos adolescentes pesquisados mostrou o que há de mais significativo para eles, trazendo à tona as suas experiências com muita sensibilidade. Isso permitiu relacionar as vivências cotidianas dos alunos, do seu universo próprio, com os conhecimentos proporcionados pela experiência escolar. Eles foram os contadores de histórias da sua vida escolar. Alunos no papel de narradores. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1996, p.201).

Ao contarem suas lembranças, os alunos trouxeram suas impressões, emoções e sentimentos, como seres falantes, na interlocução com o outro. E o outro, o ouvinte, o interlocutor da mensagem, não foi simplesmente um ser passivo. Assim, a interação não veio apenas das palavras escolhidas, das escritas ou das faladas, mas do primeiro contato originado na relação do encontro com o outro: o contato da mira no olhar, o posicionamento corporal, a entonação da voz, o silêncio na pausa de uma fala, o gesticular, o movimento ou não, a presença corpórea em suas diferentes dimensões. Razão, emoção, sentidos e sentimentos. O compartilhamento de um instante em que uma história particular se entrelaçou com outra e com outro sujeito; assim nasceu uma nova história, tecendo as histórias, como um artesão, construindo um tapete de palavras e imagens.

Fotografias e relatos<sup>3</sup> foram fundamentais para registrar os pensamentos, os sentimentos, as ações dos alunos e os sentidos. Para além da imagem em si ou da simples representação da realidade, no momento da foto. A junção das imagens e das narrativas dos alunos apontou outro sentido e significado da realidade do cotidiano escolar.

Nas escolhas dos alunos pode-se notar a valorização do espaço escolar. Eles tiveram, de um mesmo lugar, perspectivas e interpretações diferenciadas no modo como percebem e vivenciam a escola, realizando os registros dos momentos, das pessoas, dos espaços e dos objetos com olhares particulares do que foi percebido significativamente. Uma percepção que não se constrói sozinha. Em alguns casos, as escolhas foram coincidentes, mas re-significadas de modo particular.

As fotos escolhidas pelos alunos foram divididas, conforme o tema destacado, em eixos de análise. Considerei as seguintes dimensões: a) as relações interpessoais: as imagens das

---

3

Para a análise dos dados tive como referência o Paradigma Indiciário proposto por Ginzburg (1990) que é um modelo epistemológico surgido no âmbito das ciências humanas. Destaca-se neste paradigma o método interpretativo, que considera importante os detalhes secundários e insignificantes, as pistas, os resíduos, os dados marginais que podem ser reveladores e fundamentais para se ter a visão de uma realidade. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1990, p.177).

pessoas, b) os objetos, c) os espaços (cenários) e o tempo. São temas que estão interligados. A opção por separá-los foi para facilitar a visualização da pesquisa. Apresento quais foram os temas das imagens escolhidas: a) relações interpessoais: amigos da escola, professores, diretora e funcionários; b) espaços/tempos: quadra esportiva, sala de aula, biblioteca, corredor de acesso à sala de aula, banheiros, espelho d'água, refeitório, palco, quadrinha, parte do fundo da escola com vegetação, parede com desenho em grafite, jardins internos (árvores, plantas e flores); c) objetos: lousa, carteiras, placa de identificação da escola, casa de brinquedos e balanços, computadores, cartaz informativo (dengue), livros de literatura e paradidáticos, bebedouro, placa de identificação da sala de aula, espelho do banheiro, bancos do corredor da escola, brinquedos e balanços no pátio.

Foi a partir das imagens escolhidas “objetivamente” pelos adolescentes que houve o despertar das suas memórias de um tempo passado e do presente, no encontro com outros no tempo e espaço escolar. Eles mostraram as suas referências com os adultos, nas relações interpessoais e intrapessoais, na figura dos colegas, dos professores, dos funcionários e da diretora. **Em relação aos espaços**, destacam-se os lugares de circulação e experiências de convivência, no sentido da informação, da comunicação e do aprendizado. As escolhas feitas pelos objetos, na verdade, eram motivo das lembranças de pessoas ou situações relacionadas com esses objetos. Um exemplo é dado pelo painel, a seguir, montado com as fotografias/relato do aluno Douglas. As imagens **escolhidas** estão em preto/branco e as coloridas do conjunto são **fotos não escolhidas**, seguida de seu comentário para significar as suas experiências. Isso possibilitou outro olhar, interpretação e história a ser contada do cotidiano escolar.



Douglas

*[...] pra mim não só me traz lembranças do passado mas como me traz lembranças do presente. A Cleusa pra mim, é mais que uma “inspetora de alunos” ou líder do JOCAD<sup>4</sup> pra mim é uma grande “Mãe” pois tem os Alunos como “filhos”, não importa se eles são bagunceiros ou chatos, pra ela não faz diferença, ela é a nossa Mãezona e é também uma pessoa muito marcante na minha vida que mudou meu jeito de agir e pensar sobre a Escola.*

*“Porque a Cleusa é bastante legal comigo, conversa bastante e me dá bastante conselho. E isso me ajuda muito.”*

O aluno Douglas se referiu à inspetora como a pessoa que tem o cuidado, que dá conselhos com palavras significativas e que deram sentido particular a ele, no contexto escolar. As palavras dela influenciaram o aluno, ajudando-o positivamente. Isso demonstra a importância da fala e da relação estabelecida pelo diálogo. Como esclarece Vygotsky (2005), no significado das palavras também há o fenômeno do pensamento, apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala, na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele.

Outros alunos fizeram menção à inspetora de alunos Cleusa na escolha de suas fotos. A dinâmica de ação da inspetora, que assume outras funções ao realizar ações conjuntas educativas e pedagógicas com os educadores de trabalho com o foco nos alunos, provoca a mobilização no coletivo e nas relações interpessoais. O trabalho no JOCAD proporciona uma forte ligação dos alunos com a inspetora Cleusa, citada de várias maneiras. O relacionamento dela com os alunos e o envolvimento com a rotina da escola tem implicação ainda na sua participação e ação nos projetos pedagógicos da escola e fora dela, em cooperação com a dinâmica de aulas, nos eventos, entre outros. Ela é mencionada como a pessoa que conversa, orienta, escuta o adolescente em suas indagações. É associada com a figura materna que se expõe para os alunos, no sentido do zelo, do cuidado. Assim, o adolescente se sente reconhecido e pertencente ao ambiente, dando um significado diferente à escola, ao aprendizado, aos relacionamentos, à percepção do seu tempo de crescimento e à relação do adulto com a adolescência.

---

4

A representação significativa da inspetora para os alunos está muito relacionada com a sua ação na coordenação do projeto denominado JOCAD (Jovens Contra as Drogas). Essa proposta foi idealizada por ela no ano de 1997, e no ano 2000 contou com a parceria da secretária da escola. O objetivo do trabalho foi a constituição de um grupo de alunos e ex-alunos para buscar orientar e, principalmente, prevenir e alertar as crianças, adolescentes e jovens sobre os perigos do uso de drogas lícitas e ilícitas. Enfatiza-se também os princípios à valorização da vida, despertando interesse dos alunos e alunas ao trabalho voluntário, a realização de campanhas para entidades assistenciais, o conhecimento de outras realidades sociais e institucionais, como creches, asilos, entre outras. Esse trabalho atinge diretamente ou indiretamente a dinâmica da escola, na perspectiva do trabalho coletivo, já que teve apoio da gestão e de parte significativa de colegas da escola.

## **Considerações Finais**

As experiências relatadas pelos alunos **destacaram a presença de diferentes sujeitos** em situações, lugares, posições e papéis diversificados na escola, com ênfase na maneira como foram estabelecidas as interações entre eles. Ao citarem essas pessoas representativas, destacaram as vivências consideradas importantes oferecidas por estes relacionamentos, como: o cuidado na orientação, o modo de relacionar-se nos diversos espaços (sala de aula, pátio, corredores, etc...), a possível troca das interações. Houve também referências não explícitas aos preconceitos, às tensões nos relacionamentos, às práticas das aulas, à organização e controle escolar, às funções e papéis sociais dos sujeitos na escola.

Os alunos escolheram fotografias que revelaram os seus vínculos significativos com professores atuantes no presente e também os que já passaram pela escola. Eles indicaram que as aproximações ocorreram em situações de aprendizagem, na identificação pessoal do aluno com o professor, nas situações de convivências em outros espaços, além dos vividos em sala (quadra, biblioteca...). Essas situações podem proporcionar um modo diferente de relacionamento entre adultos e adolescentes, na qual ambos se reconheçam como pertencentes ao espaço escolar que não é somente o da acolhida das diferenças, mas, como nos esclarece Aquino (2000), o *lócus* em que se originam novas diferenças, estabelecendo novas compreensões do mundo conhecido e da possível transformação do ser humano. Isso, porque, nas interações, muitas vezes, não focamos nossos olhares para os estudantes e nem tampouco eles o fazem em relação a nós, os professores. Certamente todos temos singularidades, possuímos modos diferentes de nos expressar, nossos interesses, jeitos diferentes de ser, valores e identidades distintas. Acredito que o material produzido pelos alunos neste trabalho oferece pensamentos, indicações de ações, emoções e sentimentos que podem nos auxiliar a refletir sobre o cotidiano escolar e compreender melhor nosso papel de educadores inseridos em um contexto dinâmico na escola.

## **Referências Bibliográficas**

AQUINO, J.G. **Do cotidiano escolar: Ensaio sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus editorial, 2000.

BENJAMIN, V. O narrador. **Magia e técnica, arte e política - Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CANÁRIO, R. **O que é a escola? Um “olhar” sociológico**. Portugal: Porto Editora, 2005.

FERRAÇO, C.E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.) **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia da letra, 1990.



KOSSOY, B. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, E. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, M. de O. O problema da afetividade em Vygotsky. In: Taille, Y. de La. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

PRADO, G. do V.T. e SOLIGO, R. (org.) **Porque escrever é fazer história**. Campinas: Graf. FE, 2005.

VICENTE, C.F. Fotografia: questão eletrônica. In: SAMAIN, E. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.